

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 11
Número 1
Junho 2022

MATEUS, O APÓSTOLO IMPROVÁVEL

MATTHEW, THE UNLIKELY APOSTLE

Me. Erivelton Rodrigues Nunes¹

RESUMO

O primeiro livro do Novo Testamento conhecido como o Evangelho segundo Mateus é atribuído a um homem cuja profissão e posição na sociedade de então o classificaria como improvável, como um absurdo para os padrões de sua época. Um publicano era odiado pelos judeus e o problema se agrava ainda mais ao notar que o público alvo era exatamente o que o odiava. O presente artigo faz uma abordagem geral sobre o autor, sua profissão, seu ministério e sua obra, considerando a classificação do conteúdo, suas subdivisões, o material exclusivo, discute a questão da autenticidade do Evangelho, testemunhos históricos entre outros aspectos relevantes. Ressalta os diversos testemunhos históricos dos pais da Igreja que afirmam que houve um escrito inicial de Mateus em hebraico ou aramaico antes da versão final em grego que é utilizada na Bíblia, além de discutir brevemente a primazia de Mateus em contraposição aos teóricos que defendem a primazia e dependência de Marcos. Ressalta as principais características do conteúdo do Evangelho com ênfase no cumprimento das profecias do Antigo Testamento, genealogia, o reino dos céus, a escatologia, entre outros.

Palavras-chaves: Mateus. Evangelho. Publicano.

ABSTRACT

The first book in the New Testament known as the Gospel according to Matthew is attributed to a man whose profession and position in society at the time would classify him as improbable, as absurd by the standards of his day. A publican was hated by the Jews, and the problem is further aggravated by noticing which target audience was exactly what hated him. This article makes a general

¹ O autor é graduado em Educação Musical pela UFSCAR, Redes de Computadores pela FHO-UNIARARAS, Teologia pelo Seminário SEIFA e mestre em Teologia pela FABAPAR. E-mail: ernsys@gmail.com

approach about the author, his profession, his ministry and his work, considering the classification of the content, its subdivisions, the exclusive material, discusses the issue of the authenticity of the Gospel, historical testimonies, acceptance in the canon, among other aspects. relevant. It highlights the various historical testimonies of the Church Fathers who claim that there was an initial writing of Matthew in Hebrew or Aramaic before the final Greek version that is used in the Bible, as well as briefly discussing the primacy of Matthew in opposition to theorists who defend the primacy and dependence on Mark. It highlights the main characteristics of the content of the Gospel with an emphasis on the fulfillment of Old Testament prophecies, genealogy, the kingdom of heaven, eschatology, among others.

Keywords: Matthew. Gospel. Tax collector.

INTRODUÇÃO

Os Evangelhos foram escritos em sua maioria por autores judeus, excetuando o médico Lucas a quem se atribui a autoria do terceiro evangelho. De acordo com o relato dos Evangelhos, Jesus Cristo nomeou doze de seus discípulos como apóstolos e os enviou para pregar a sua mensagem de boas novas às ovelhas perdidas da casa de Israel, usando a linguagem de sua época, no caso, o aramaico, língua semítica vernácula usada pelos judeus a partir do exílio babilônico dentro do território de Israel. Lucius afirma:

O aramaico era o idioma falado originalmente pelos povos arameus, os quais eram tribos de pastores seminômades que se estabeleceram nas terras de Aram (Síria), conforme atestado pela Bíblia e outros autores da antiguidade. Após o estabelecimento do império Assírio, o idioma aramaico se tornou a língua falada por diversos povos em toda a extensão do império e continuou como a principal língua vernácula falada em grande parte do Oriente Médio, até as conquistas árabes do nono século.²

Os judeus do primeiro século eram um povo semita que usava o idioma hebraico apenas no seu sistema litúrgico uma vez que as Escrituras Sagradas, o Tanakh ou o Antigo Testamento havia sido escrito em hebraico com pequenos trechos em aramaico. No entanto, esses judeus adotaram o aramaico como idioma vernacular a partir do exílio babilônico. Dessa forma, o hebraico ficou restrito ao uso religioso e com o passar das gerações a população leiga foi perdendo sua língua original. Em virtude disso, após o retorno do cativo babilônico foi necessário instituir a figura do intérprete das Escrituras ou rabino que passou a ler em hebraico e explicar o conteúdo ao povo em aramaico. Mesmo após a conquista dos persas, gregos e romanos o idioma aramaico não foi substituído totalmente. Os gregos influenciaram os povos conquistados em vários aspectos e a língua grega passou a ser usada predominantemente nas relações comerciais, isso explica por que o Novo Testamento foi escrito em grego koiné, no entanto, as palavras ditas por Jesus e seus apóstolos foram verbalizadas em aramaico.

Alguns autores acreditam que o evangelho de Mateus tenha sido escrito originalmente em aramaico e depois traduzido para o grego. De acordo com Rienecker, a referência mais antiga para essa afirmação vem do bispo Papias da cidade de Hierápolis que viveu por volta do ano 100 a 150 d.C., foi contemporâneo de Policarpo de Esmirna, aluno do apóstolo João e autor de uma obra com cinco livros intitulada Exposições das Palavras do Senhor.³ Infelizmente os cinco volumes de Papias foram perdidos, mas o bispo Eusébio de Cesareia que teve acesso a esses volumes em sua época faz uma citação importantíssima sobre o evangelho de Mateus e que ficou registrada no livro História Eclesiástica. Essa citação de Papias, diz o seguinte: “Mateus compilou os discursos de Jesus em língua hebraica (siro-caldeu ou aramaica), mas cada um os traduziu da melhor maneira que sabia”. Cesareia ainda observa que, para essas afirmações sobre o evangelho de Mateus, Papias se reporta a comunicações pessoais do

² LUCIUS, Fernando. **Manual da Peshitta**. Rio de Janeiro: BV Books, 2019, p.1.

³ RIENECKER, F. **Comentário Esperança, Evangelho de Mateus**. Curitiba: Esperança, 1998, p. 23.

“velho João”, isto é, do apóstolo João. Vale ressaltar que Papias confirma que as primeiras anotações de Mateus relacionadas aos discursos do Senhor foram feitas em aramaico.⁴ Reinecker observa:

Olhando para o conteúdo do evangelho de Mateus, é muito digno de nota que, em meio às narrativas, encontramos cinco discursos completos do Senhor! Esses cinco grandes discursos do Senhor distinguem-se nitidamente das narrativas que os rodeiam. A diferença também é demarcada exteriormente por uma fórmula especial: no final de cada grande discurso lê-se sempre de novo uma expressão quase idêntica:

1. Mt 7.28: “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras...”
2. Mt 11.1: “Tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos...”
3. Mt 13.53: “Tendo Jesus proferido estas parábolas...”
4. Mt 19.1: “E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras...”
5. Mt 26.1: “Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos...”

Se ligássemos os cinco grandes discursos uns aos outros, não poderíamos chegar à conclusão de que esses cinco grandes discursos do Senhor formam uma unidade coesa em si? Ademais, não poderíamos supor que os cinco grandes discursos já surgiram e existiram como uma unidade antes do evangelho de Mateus? Uma tal obra consistente dos discursos maiores do Senhor poderia ter-se destinado a instruir a jovem comunidade cristã palestina nos ditos e ensinamentos do Senhor. O objetivo era mostrar à jovem comunidade qual era a vontade de Jesus, a saber, a sua santificação, ou seja, que ela seguisse a Cristo de forma verdadeira e autêntica.⁵

Green observa que os pais da igreja como Papias, Irineu, Orígenes, Eusébio e Jerônimo afirmaram que Mateus escreveu seu evangelho primeiramente com letras hebraicas. Se for feita uma análise superficial parece haver uma discordância entre alguns autores porque uns dizem que foi escrito em aramaico e outros dizem que foi hebraico, mas não há contradição uma vez que ambas as línguas usam as mesmas letras, ou seja, o mesmo sistema de símbolos ou caracteres. Na perspectiva daqueles que viram o texto escrito era muito difícil distinguir um idioma do outro porque na forma escrita são idênticos.⁶ Portanto, fica evidente que o estudo dos idiomas bíblicos pode contribuir muito para o entendimento do significado original do texto.

Para Reinecker os discursos do Senhor anotados por Mateus eram um assunto extremamente importante porque continham as palavras de Jesus.⁷ Em Atos dos Apóstolos 2.42 relata que os primeiros crentes perseveravam na “doutrina dos apóstolos” que provavelmente era composta pelos discursos didáticos de Jesus que foram transmitidos para a nova comunidade de fiéis. Com certeza essa tarefa foi realizada pelo apóstolo Mateus (pois, por causa de sua profissão como cobrador de impostos, com certeza era o mais capacitado na escrita e nas línguas) até aquele momento. Mauherhofer afirma que:

A autoria de Mateus tem atestação tão intensa por meio dos manuscritos antigos que não pairam dúvidas de que essa designação, que significativamente não pertence ao texto do evangelho, desde muito cedo desfrutava aceitação geral.⁸

Lopes observa que Mateus pelo fato de ter a profissão de cobrador de impostos, quando foi chamado para fazer parte do grupo de discípulos e apóstolos de Cristo, trouxe consigo sua caneta, sua habilidade para escrever, seu conhecimento do Antigo Testamento e dos idiomas principais de sua época e colocou todas as suas habilidades a serviço do evangelho.⁹ Mauherhofer cita o testemunho dos pais da Igreja como Irineu, bispo de Lião (m. c. 202) que afirmou ser Mateus apóstolo de Cristo. Orígenes (m. 254) de Alexandria confirma que o primeiro evangelho foi escrito em hebraico por um ex-publicano que se tornou apóstolo. Eusébio menciona que Pateno (m. antes de 200), precursor de

⁴ CESAREIA, Eusebio de. **História Eclesiástica**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 119.

⁵ RIENECKER, 1998, p. 24.

⁶ GREEN, Michael. **The Message of Matthew: The Kingdom of Heaven**. Revised Edition. London: Inter-Varsity Press, 2000, n.p.

⁷ RIENECKER, 1998, p. 26.

⁸ MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos Escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010, p. 79.

⁹ LOPES, Hernandes Dias. **Mateus: Jesus, o Rei dos Reis**. São Paulo: Hagnos, 2019, n.p.

Clemente de Alexandria, tendo ido à Índia encontrou alguns habitantes que conheciam a Cristo através do Evangelho segundo Mateus, que fora anunciado pelo apóstolo Bartolomeu e que este deixou uma cópia do Evangelho de Mateus escrito em hebraico aos nativos. Embora os relatos de Eusébio muitas vezes sejam questionados, é digno de nota observar que todos esses testemunhos são complementares aos escritos de Papias. Além disso, Crisóstomo (m. 407), bispo de Constantinopla também deixou registrado que o primeiro Evangelho era de autoria de Mateus, cuja profissão fora publicano e que a pedido dos seus ouvintes judeus, deixou-lhes um evangelho escrito em idioma hebraico. Todos esses testemunhos atestam duas coisas importantes: a autoria do Evangelho por Mateus bem como uma versão hebraica (aramaica) do Evangelho.¹⁰

1. QUEM FOI MATEUS?

Aqueles que rejeitam a autoria do ex-publicano e apóstolo Mateus o fazem porque essas informações contrariam a posição dos que defendem a primazia de Marcos, uma vez que não faz sentido algum dizer que o apóstolo Mateus, além de ser um dos doze homens mais próximos de Cristo e ser uma testemunha ocular dos eventos relatados nos Evangelhos, tenha copiado suas informações de uma fonte secundária. Para entender melhor quem é Mateus, se faz necessário recorrer ao próprio texto bíblico. Mateus, em hebraico מתתיהו (*Matityahú*)¹¹ significa “dom ou dádiva de Yahweh”, no texto grego Μαθθαῖος (*Maththaios*)¹² significa “dom ou dádiva de Deus”. Bashaw observa que nas narrativas do Novo Testamento, Mateus é conhecido principalmente como tendo sido um coletor de impostos que, como discípulo, ofereceu um banquete para Jesus, juntamente com outros coletores de impostos e pecadores em sua casa (Mt 9.10; Mc 2.15; Lc 5.29). Seu chamado está registrado em Mateus 9.9. Seu nome aparece na lista dos 12 discípulos em Mateus 10.3, Marcos 3.18, Lucas 6.15, e Atos 1.13.¹³ Observe a tabela a seguir:

	Mateus 10.2-4	Marcos 3.18	Lucas 6.15	Atos 1.13
1	Simão Pedro	Simão Pedro	Simão Pedro	Pedro
2	André	André	André	André
3	Tiago	Tiago	Tiago	Tiago
4	João	João	João	João
5	Filipe	Filipe	Filipe	Filipe
6	Bartolomeu	Bartolomeu	Bartolomeu	Bartolomeu
7	Tomé	Tomé	Tomé	Tomé
8	Mateus	Mateus	Mateus	Mateus
9	Tiago filho de Alfeu	Tiago filho de Alfeu	Tiago filho de Alfeu	Tiago filho de Alfeu
10	Lebeu ou Tadeu	Tadeu	Judas irmão de Tiago	Judas irmão de Tiago
11	Simão o Zelote	Simão o Zelote	Simão Zelote	Simão Zelote
12	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Matias

Tabela 1 - Lista dos Apóstolos de Cristo

Marcos e Lucas identificam Mateus por seu nome na lista dos doze apóstolos. Mas, no relato onde Jesus chama o cobrador de impostos, eles o identificam como Levi, não Mateus (Mc 2.14; Lc 5.27). Isso parece sugerir que Mateus, o coletor de impostos, de Mateus 9.9 e 10.3 é a mesma pessoa que

¹⁰ MAUHERHOFER, 2010, p. 85-87.

¹¹ Todas as palavras hebraicas e suas transliterações desta pesquisa são provenientes do **Léxico Lexham da Bíblia Hebraica**. Bellingham: Lexham, 2020.

¹² Todas as palavras gregas e suas transliterações desta pesquisa são provenientes do **Léxico Lexham do Novo Testamento Grego**. Bellingham: Lexham, 2020.

¹³ BASHAW, J. G. *Matthew the Apostle*. **Dicionário Bíblico Lexham**. Bellingham: Lexham, 2020, n.p.

Levi, o cobrador de impostos nos relatos paralelos de Marcos e Lucas. Esses três relatos provavelmente descrevem o mesmo evento, conforme sugerido por suas semelhanças literárias e sua colocação dentro do mesmo contexto narrativo em todos os três evangelhos sinópticos: em cada livro, o relato está situado entre a cura de Jesus a um paralisado (Mt 9.1-8; Mc 2.1-12; Lc 5.17-26) e Jesus respondendo a perguntas sobre jejum (Mt 9.15-17; Mc 2.18-22; Lc 5.33-39). Mauerhofer argumenta que em todos os três Evangelhos a vocação sucede ao mesmo milagre, a saber, à cura de um paralisado. Também a passagem subsequente tem em todos os três o mesmo conteúdo: a questão do jejum. Visto que Levi não está listado entre os apóstolos em Marcos 3.16-19, Lucas 6.13-16 e Atos 1.13, mas Mateus está incluído em todas, é razoável concluir que o Mateus das listas de apóstolos é o Levi da história do coletor de impostos. Mateus poderia ter dois nomes semitas, usando Levi e Mateus por causa da prevalência do nome Levi. Sob essa hipótese, ele seria semelhante a José, que também foi chamado de Barnabé (At 4.36), e Barrabás, quem algumas cópias antigas de Mateus identificam como Jesus Barrabás (Mt 27.16-17). Levi também poderia ser o nome de Mateus antes da conversão.¹⁴

1.1 A PROFISSÃO DE MATEUS

Neves e McGee comentam que Mateus trabalhava na alfândega, perto de Cafarnaum, taxando o comércio que cruzava o Mar da Galileia. Era um homem culto, poliglota, e como fiscal alfandegário devia conhecer (pelo menos), o grego, o latim, o aramaico e o hebraico. Como publicano (ele é o único que se descreve assim – 10.3), era odiado e considerado um traidor pelos judeus, pois trabalhava a serviço do governo de Roma cobrando taxas e impostos dos seus patrícios. A profissão de coletor de impostos, *τελώνης* (*telônês*) em grego, tornava Mateus uma pessoa odiada pelos seus compatriotas.¹⁵ Miller em seu dicionário bíblico afirma que os cobradores de impostos, também conhecidos como publicanos, cobravam pedágios e impostos em nome do governo romano. Esses subcontratados do governo privado tributavam os viajantes que transportavam mercadorias entre propriedades ou entregassem mercadorias ao longo de certas estradas bem definidas. Roma preferia contratar moradores que estivessem familiarizados com os habitantes, terras e estradas de uma região. Alguns agentes tributários eram responsáveis por territórios tão extensos que funcionavam como subcontratados, contratando seus próprios funcionários para coletar os impostos.¹⁶ Zaqueu parece se enquadrar nessa categoria, já que é descrito como um “chefe” do coletor de impostos (Lc 19.2-10). Os coletores de impostos obtinham lucro exigindo do povo um imposto mais alto do que aquele que pagavam antecipadamente ao governo romano. Esse sistema gerou ganância e corrupção generalizadas. A profissão de arrecadador de impostos estava saturada de pessoas sem escrúpulos que sobrecarregavam os outros para maximizar seus ganhos pessoais. Como os judeus se consideravam vítimas da opressão romana, os coletores de impostos judeus que sobrecarregavam seus conterrâneos eram especialmente desprezados. Deiros observa:

Os cobradores de impostos eram odiados em todos os tempos e lugares, mas o ódio que os judeus nutriam por esses servidores públicos chegava às raias da violência. Os judeus do tempo de Jesus eram nacionalistas fanáticos. Contudo, o que mais os deixava exasperados era a convicção religiosa de que só Deus era Rei. Desse modo, pagar um imposto a um rei mortal era uma violação aos direitos exclusivos de Deus e um insulto à sua majestade soberana.¹⁷

Existem vinte referências aos coletores de impostos na Bíblia e todas estão nos Evangelhos Sinópticos. O texto dos Evangelhos tende a conectar os coletores de impostos aos pecadores (Mt 9.10; Mc 2.15-16; Lc 15.1-2). Os líderes religiosos judeus desprezavam particularmente os cobradores de impostos (Mt 9.11; 11.19; Lc 5.30; 7.34), considerando-os cerimonialmente impuros e excluindo-os

¹⁴ MAUERHOFER, 2010, p. 97.

¹⁵ NEVES, I.; MCGEE, J. V. **Comentário Bíblico de Mateus**: Através da Bíblia. 2.ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012, p. 23.

¹⁶ MILLER, J. E. *Tax Collector*. **Dicionário Bíblico Lexham**. Bellingham: Lexham, 2020, n.p.

¹⁷ DEIROS, Pablo A. **Mateus**: o evangelho do reino. São Paulo: Vida, 2021, p. 29-30.

das atividades religiosas. No entanto, João Batista batizou muitos cobradores de impostos, mas não os instruiu a mudar de profissão. Em vez disso, os exortou: “não cobreis mais do que o estipulado” (Lc 3.12-13; 7.29). Jesus interagiu com os cobradores de impostos ao longo das Escrituras, mas também falou depreciativamente sobre eles, às vezes associando-os a prostitutas (Mt 21.31-32) e gentios (Mt 18.17). Sobre se deve ou não pagar impostos, Jesus concorda que pagar impostos é correto (Mc 12.17), mas ele desaprova a corrupção generalizada existente entre os cobradores de impostos. Eles estão entre os perdidos que veio encontrar (Lc 19.10) e os enfermos a quem veio curar (Mt 9.10-12). Em Mateus 21.31-32, Jesus declara que certas prostitutas e cobradores de impostos entrariam no reino antes dos líderes religiosos porque haviam crido na mensagem de arrependimento de João. A parábola de Jesus sobre o fariseu e coletor de impostos em Lucas 18.10-14 ensina que a justiça própria desagrada a Deus quando exibida por qualquer pessoa (mesmo um fariseu), enquanto o arrependimento agrada a Deus quando exibido por qualquer pessoa (até mesmo um coletor de impostos). A associação de Jesus com os cobradores de impostos se mostra impopular, especialmente entre os líderes religiosos judeus, que consideravam a comunhão com pecadores uma culpa por associação e igual a um compromisso moral. A comunhão à mesa com cobradores de impostos é apresentada como sendo especialmente escandaloso (Mt 9.11; Mc 2.16; Lc 5.30; 15.1-2), em parte porque se pensava que a refeição teria sido comprada com os lucros obtidos com impostos antiéticos. Quando acusado de ser amigo de cobradores de impostos e pecadores impenitentes, no entanto, Jesus nega, juntamente com a acusação de que ele é um glutão e um bêbado (Mt 11.18-19; Lc 7.34).

1.2 A FAMÍLIA DE MATEUS

Quanto à família de Mateus, o texto bíblico de Marcos 2.14 apresenta-o como filho de Alfeu. No entanto, Mauerhofer afirma:

O pai de Mateus se chamava Alfeu (Mc 2.14), porém não é idêntico ao pai de Tiago, que tinha o mesmo nome. Se Mateus e Tiago fossem irmãos, eles teriam sido classificados nas listas como tais, em analogia à dupla Pedro e André e aos filhos de Zebedeu (João e Tiago), ainda mais que aparecem lado a lado em Mateus 10.3 e Atos 1.13.¹⁸

Lopes diverge nesse aspecto acreditando que Mateus e Tiago eram irmãos. Na lista dos apóstolos, Tiago, filho de Alfeu, vem sempre próximo de Tadeu, Simão, o zelote, e Judas Iscariotes. Se levar em consideração que os zelotes eram revolucionários e estavam prontos a pegar em espadas para resistir ao governo de Roma, e se considerar que Iscariotes pode vir de sicarius [sicário], palavra latina para “zelote”, então, provavelmente, Tiago, filho de Alfeu, recebeu influência desses revolucionários resistentes ao governo de Roma.¹⁹ Se isso é fato, dentro dessa mesma família, Mateus se apresenta como um publicano, um cobrador de impostos, alguém que vai na contramão dessa posição ideológica, uma vez que coopera com Roma em sua dominação. Neves e McGee afirmam que Mateus era filho de Alfeu (Mc 2.14), mas não era irmão de Tiago, o menor (Mt 10.3).²⁰

1.3 A CIDADE DE MATEUS

Winstead em seu dicionário bíblico comentou que o texto bíblico situa Mateus na cidade de Cafarnaum, em grego, Καφαρναούμ (*Kapharnaoum*) que significa “a casa (ou cidade) de Naum”; no entanto, a identidade deste Naum é desconhecida. Na época do Novo Testamento, Cafarnaum era um centro de comércio. A pesca e o comércio em geral eram as atividades mais importantes da região, nela também havia um centro fiscal romano. Cafarnaum ficava na costa noroeste do Mar da Galileia. Os escritores dos Evangelhos se referem a ela como a “cidade de Jesus” (Mt 9.1) porque, depois de deixar Nazaré, ele foi morar lá (Mt 4.13). Em comparação com a cidade vizinha de Magdala, Cafarnaum era

¹⁸ MAUERHOFER, 2010, p. 98.

¹⁹ LOPES, 2019, p. 19-20.

²⁰ NEVES; MCGEE, 2012, p. 23.

muito pequena, mas ficava na estrada que ligava a região a Damasco na Síria, por isso era um posto estratégico para Roma.²¹

Os Evangelhos fazem referência a Cafarnaum dezesseis vezes, o texto de Mateus 17.24-27 demonstra que, como um bom cidadão da cidade, Jesus pagou o imposto do templo lá. O lago em que Cafarnaum foi construída tem quatro nomes diferentes na Bíblia:

1. Mar de Quinerete (Nm 34.11; Js 12.3; 13.27)
2. Mar de Genesaré (Lucas 5.1)
3. Mar de Tiberíades (João 6.1; 21.1)
4. Mar da Galileia (Mt 4.18)

Quando Cafarnaum é mencionada no Novo Testamento, geralmente é em conjunção com o Mar da Galileia (Mt 4.13-22; 8.5-24; Mc 1.16-21; Jo 6.17,24). Foi nesta cidade, na coletoria de impostos que Jesus encontrou Mateus e o chamou para segui-lo.

1.4 OS ÚLTIMOS DIAS DE MATEUS

De acordo com as tradições das Igrejas Católica Romana e Ortodoxa, Mateus pregou por quinze anos o Evangelho na Judéia, depois da dispersão seguiu para várias províncias romanas levando e espalhou os ensinamentos de Jesus entre os etíopes, macedônios, persas e partos. morrido mártir na Etiópia. Neves e McGee informam que Mateus desenvolveu seu ministério no norte da África, na Etiópia, e lá morreu martirizado.²²

2. O CHAMADO DE MATEUS E SUA OBRA

Deiros está correto ao afirmar que nunca houve um homem menos propenso a se tornar apóstolo que Mateus. Quando Jesus o chamou, estava chamado um homem que todos odiavam. No entanto, esse chamado demonstra a capacidade de Jesus de ver o potencial de cada um, não somente no presente, mas o que seus discípulos iriam se tornar. Jesus fez três convites específicos a Mateus.²³

Primeiro ele foi convidado a reconhecer que Jesus era o Messias, ao ouvir “siga-me”, Mateus tomou uma decisão rápida, firme e pública de deixar tudo para andar com Jesus. O segundo convite está implícito no jantar que Mateus fez em sua casa na companhia dos seus amigos de profissão, como se Jesus estivesse pedindo a Mateus que lhe apresentasse os seus amigos que eram excluídos do sistema religioso da nação por serem cobradores de impostos, considerados como traidores de seu povo. Esse jantar foi uma oportunidade única para essa classe de pessoas. Os fariseus que observavam o comportamento de Jesus não compreendiam suas atitudes, por isso ele replicou-lhes com a célebre sentença “Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes... pois não vim chamar justos, e sim pecadores” (Mt 9.12,13). O terceiro convite foi para que Mateus usasse os seus talentos em prol do Reino de Deus, como cobrador de impostos ele sabia ler e escrever e essa capacidade foi usada para a glória de Deus. Hendriksen sobre esse assunto afirma:

Além disso, como coletor, Mateus era obrigado a apresentar relatórios escritos do dinheiro que cobrava. Talvez até mesmo conhecesse algum sistema de taquigrafia. Portanto, ele era a pessoa mais indicada para tomar notas das palavras e obras de Cristo.²⁴

Neves e McGee comentam que quando Jesus chamou Mateus, sem demora ele deixou tudo para segui-lo (9.9). Ao receber Jesus com um grande banquete para o qual convidou também seus amigos publicanos, Mateus demonstrou ser alguém abastado financeiramente e amoroso para com os seus colegas de profissão, que talvez sentissem a necessidade de um verdadeiro significado de vida (9:10;

²¹ WINSTEAD, M. B. *The Lexham Bible Dictionary*. Bellingham: Lexham, 2016, n.p.

²² NEVES; MCGEE, 2012, p. 23.

²³ DEIROS, 2021, p. 30.

²⁴ HENDRIKSEN, W. *Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, vol. 1, p. 127.

Mc 2:15-17).²⁵

De acordo com Lopes, Mateus foi testemunha ocular e auditiva do conteúdo que registrou em sua obra. Ele se apoia na fonte mais segura de toda historiografia, a saber, o verdadeiro testemunho presencial dos fatos. Quando a obra foi escrita, os apóstolos e os irmãos de Jesus ainda viviam. Por isso, não é aceitável falar que Mateus usou lendas e sagas, uma vez que lendas e sagas se formam somente depois que se rompeu a ligação com os acontecimentos. Muito menos se pode falar em mitos, uma vez que mitos são ideias transformadas em histórias. Os apóstolos, os parentes de Jesus e as testemunhas presenciais certamente impediriam na raiz o surgimento de qualquer lenda ou mito nos evangelhos.²⁶

Carson resume os principais propósitos do Evangelho de Mateus, que são:

1. demonstrar que Jesus é o Messias prometido, o Filho de Davi, o Filho de Deus, o Filho do Homem, Emanuel;
2. que muitos judeus, e especialmente os líderes, pecaminosamente falharam em perceber isso durante seu ministério;
3. que o reino messiânico já havia amanhecido, inaugurado pela vida, ministério, morte, ressurreição e exaltação de Jesus;
4. que este reinado messiânico, caracterizado pela obediência a Jesus e consumado por seu retorno, é o cumprimento das esperanças proféticas do AT;
5. que a igreja, a comunidade daqueles, tanto judeus como gentios, que se curvam incondicionalmente a autoridade de Jesus, constitui o verdadeiro locus do povo de Deus e o testemunho ao mundo do “evangelho do reino”;
6. que ao longo dos séculos os verdadeiros discípulos de Jesus devem superar a tentação, suportar a perseguição de um mundo hostil, testemunhar a verdade do evangelho e viver em submissão profundamente enraizada às exigências éticas de Jesus, mesmo enquanto desfrutam da nova aliança, que é simultaneamente o cumprimento da antecipação da antiga aliança e a experiência do perdão concedido pelo Messias que veio para salvar seu povo de seus pecados e que veio para dar sua vida em resgate por muitos.²⁷

Quanto à data da escrita do Evangelho, Neves e MacGee comenta que a maioria dos especialistas apontam entre 50 e 70 d.C., antes da destruição do Templo e da cidade de Jerusalém, tendo sido escrito provavelmente em Antioquia da Síria para público-alvo judaico, em hebraico/aramaico e posteriormente em grego, que era a língua mais difundida na época.²⁸ MacDonald apresenta outra possibilidade onde se for procedente a convicção difundida de que Mateus fez uma edição do seu Evangelho (ou pelo menos das declarações de Jesus) primeiramente em aramaico, a data desse evangelho seria por volta de 45 d.C., quinze anos após a ascensão de Jesus, o que concordaria com a antiga tradição. Ele poderia ter editado o evangelho canônico mais completo, em grego, no ano 50 ou 55, ou até mesmo mais tarde.²⁹

2.1 ESTRUTURA DO LIVRO E CONTEÚDO

Um esboço geral do livro foi sugerido por Lopes, considerando 5 blocos:

- Capítulos 1–4 – Introdução: genealogia, infância (1–2); batismo e começo do ministério (3–4).
- Capítulos 5–7 – Ensino 1 – O sermão do monte.
- Capítulos 8 e 9 – Os milagres de cura operados por Jesus.

²⁵ NEVES; MCGEE, 2012, p. 23.

²⁶ LOPES, 2019, p. 16-17.

²⁷ CARSON, D. A. *The Expositor's Bible Commentary*: Matthew, Mark, Luke. Vol. 8. Grand Rapids: Zondervan, 1984, p. 25.

²⁸ NEVES; MCGEE, 2012, p. 21.

²⁹ MACDONALD, W. *Comentário Bíblico Popular*: Novo Testamento. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 10.

- Capítulo 10 – Ensino 2 – O comissionamento dos discípulos.
- Capítulos 11 e 12 – A rejeição de João e de Jesus pelos judeus.
- Capítulo 13 – Ensino 3 – As parábolas do reino.
- Capítulos 14–17 – Milagres, controvérsias com fariseus, a confissão de Pedro e a transfiguração.
- Capítulo 18 – Ensino 4 – A igreja.
- Capítulo 19–22 – Jesus vai a Jerusalém e ensina.
- Capítulos 23–25 – Ensino 5 – Julgamento e fim dos tempos.
- Capítulos 26–28 – Os últimos dias, morte e ressurreição de Jesus.³⁰

A partir da perspectiva da divisão dos ensinamentos de Jesus em cinco discursos, é possível atribuir um título a cada um desses discursos conforme sugerido por Reinecker:

- 1º Discurso (cap. 5–7): Jesus, o novo legislador da sua comunidade.
- 2º Discurso (cap. 10): Jesus, o construtor de sua comunidade através de seus enviados.
- 3º Discurso (cap. 13): Jesus, o promotor de sua comunidade (parábolas).
- 4º Discurso (cap. 18): Jesus, o organizador de sua comunidade.
- 5º Discurso (cap. 24–25): Jesus, o aperfeiçoador de sua comunidade no seu retorno.³¹

Além dos discursos didáticos do Senhor ou sermões presentes no evangelho de Mateus que foram direcionados aos judeus crentes, a segunda grande divisão do livro era composta pelos relatos da vida de Jesus que tinham como finalidade convencer os judeus não crentes que Jesus era o Messias prometido no Antigo Testamento. Wiersbe diz que Mateus apresentou 129 citações ou alusões ao Antigo Testamento, tudo isso porque seu público-alvo era principalmente os judeus que precisavam compreender que Jesus era o Messias de Israel. Pois o caráter messiânico de Jesus era o principal ponto de controvérsia entre o judaísmo e o cristianismo primitivo. Jesus não tinha trazido o que o judaísmo esperava do Messias, libertação do jugo romano e instalação do domínio mundial do povo eleito. Ele fora rejeitado pelo povo judeu e pela autoridade religiosa competente, sendo executado como criminoso. Com isso foi definitivamente declarada nula a sua reivindicação da honra de Messias.³²

Diante de tudo isso, pois, fazia-se necessário destacar a partir do Antigo Testamento o verdadeiro sentido da função do Messias caracterizado em Jesus. Mateus conhece bem o Antigo Testamento. Com base numa interpretação nova e independente do conteúdo escriturístico, ele traz a comprovação bíblica inegável de que Jesus é aquele que de fato e verdadeiramente cumpre as profecias do Antigo Testamento.

Wiersbe afirma que pelo menos 60% do evangelho de Mateus é dedicado aos ensinamentos de Jesus.³³ Para Lopes, no sermão do monte:

Mateus está apresentando Jesus como um segundo Moisés, maior do que o primeiro. A lei prescrita por Jesus não é nenhum código de regras exteriores que possa ser seguido ao pé da letra, mas, sim uma série de princípios, ideias e motivos para a conduta, a lei gravada no coração...

No célebre sermão do monte, Jesus mostrou, de forma eloquente, que o reino de Deus é um reino de ponta-cabeça. A pirâmide está invertida. Feliz é aquele que nada ostenta diante de Deus e ainda chora pelos seus pecados. Feliz é aquele que abre mão dos seus direitos em vez de oprimir aqueles que reivindicam até direitos que não têm. Feliz é o que abre a mão ao necessitado, e não o que explora para enriquecer-se. Feliz é o que constrói pontes de contato entre as pessoas, e não aquele que cava abismos de inimizades entre as pessoas. Feliz é o que ama e pratica a justiça, e não aquele que usa as filigranas da lei para

³⁰ LOPES, 2019, p. 23-24.

³¹ RIENECKER, 1998, p. 25.

³² WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento, Volume I. Santo André: Geográfica, 2006, p. 9.

³³ WIERSBE, 2006, p. 10.

auferir vantagens próprias. Feliz é aquele que busca a santidade, e não aquele que rasga a cara em ruidosas gargalhadas carregadas de lascívia. No reino de Deus, ser perseguido por causa da justiça é melhor do que fazer injustiça e posar de benemérito da sociedade.³⁴

Para Neves e McGee, o Sermão do Monte apresenta de forma resumida o tipo de vida que Jesus, o Rei, o Messias de Israel quer que seus súditos vivam.³⁵ Stott pondera que o Sermão do Monte é provavelmente a parte mais conhecida dos ensinamentos de Jesus, embora se possa argumentar que seja a menos compreendida e, certamente, a menos obedecida. Mateus organiza os ensinamentos de Jesus em cinco discursos como uma forma de traçar um paralelo entre Cristo e Moisés, escritor dos cinco primeiros livros da Bíblia, a quem os judeus muito respeitavam. Mateus procura enfatizar que Cristo é o cumprimento da profecia do próprio Moisés (Dt 18.15-19).³⁶

Sobre o paralelo entre Jesus e Moisés, Hendriksen acrescenta:

O Monte das Beatitudes tem sido com frequência comparado e contrastado com o Monte Horebe, donde Moisés recebeu a lei de Deus. De um lado, o Monte Horebe: frio, desolado, estéril, quase inacessível, situado no meio de um deserto insuportável com suas serpentes ardentes. De outro, o Monte das Beatitudes com suas paisagens prazenteiras e seus declives verdejantes, como se estendesse as cordiais boas-vindas a todos e distribuísse deleites por meio de seus lírios, margaridas, jacintos e anêmonas. No Horebe: Deus aparece entre trovões e relâmpagos, e o povo, sucumbido pelo terror. Na Galileia: Emanuel, com a graça e a verdade fluindo de seus lábios, assentado no meio de seus discípulos, que ouvem sem medo ou tremor. Contudo, devemos ser cuidadosos, não obstante ser verdade que do Monte Horebe Jeová revelou sua grandeza e sua glória, a lei foi dada num contexto de amor (ver Êx 20.2; Dt 5.2,3,6,28,29,32,33; 6.3-5). Além disso, o que fora proclamado no Sinai não é rejeitado por Jesus Cristo, senão que ele lhe emprestou a sua mais profunda interpretação espiritual conforme Mt 5.17.³⁷

Pennington acrescenta que Mateus fornece uma definição completa e inequívoca do “Evangelho do Reino”; que é a mensagem e a realidade que a realeza ou reinado de Deus veio através de Jesus. Tanto João Batista (Mt 3.2) quanto Jesus fizeram a proclamação do reino de forma idêntica (Mt 4.17), isto é, “é chegado o Reino dos Céus”.³⁸ Para Morris, Mateus tem um grande interesse nos ensinamentos de Jesus, e isso fica evidente na forma como foi organizado o conteúdo. Ele coloca uma boa parte do ensino em uma forma facilmente memorizável, como por exemplo: usando um sistema de numeração para auxiliar os leitores, três (três mensagens para José, três negações de Pedro), sete (sete parábolas no capítulo 13, sete desgraças no capítulo 23) entre outros grupos numéricos que podem ser facilmente memorizados.³⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mateus como um publicano, odiado por seus compatriotas, alheio e excluído do sistema religioso da época, não era o tipo de pessoa “adequada” aos padrões vigentes para representar o Messias prometido de Israel. Nesse aspecto, fica evidente o poder de Cristo em identificar o potencial, transformar vidas, treinar seus liderados para serem os melhores sucessores e enviá-los para continuar a sua obra e ministério. Sem dúvida o método de formação de líderes aplicado por Cristo produziu efeitos longos e duradouros, uma vez que o Cristianismo chegou a diversas partes do mundo e até hoje continua em expansão. O texto do Evangelho escrito por Mateus, o improvável, é considerado por muitos especialistas como um dos mais importantes textos bíblicos porque funciona como uma ponte de ligação entre o Antigo e o Novo Testamento, além de evidenciar e referenciar o cumprimento das

³⁴ LOPES, 2019, n.p.

³⁵ NEVES; MCGEE, 2012, p. 53-54.

³⁶ STOTT, John R. W. **A mensagem do sermão do monte**: Contracultura Cristã. 3.ed. São Paulo: ABU, 2008, p. 1.

³⁷ HENDRIKSEN, 2010, p. 321-322.

³⁸ PENNINGTON, 2019, p. 26.

³⁹ MORRIS, L. **The Gospel according to Matthew**. Grand Rapids / Leicester: Eerdmans / Inter-Varsity, 1992, p. 6.

profecias relacionadas à pessoa de Cristo. Lopes, citando alguns autores, reuniu relatos impressionantes sobre a vida e obra de Mateus:

Renan, o grande crítico francês, afirmou que “Mateus é o livro mais importante que já foi escrito”. Michael Green, nessa mesma linha de pensamento, diz que o evangelho de Mateus é, talvez, o mais importante documento no Novo Testamento, porque nele encontramos o mais completo e sistemático registro do nascimento, vida, ensino, morte e ressurreição do fundador do cristianismo, Jesus, o Messias. Em grandeza de concepção e no rigor com que uma massa de material se subordina a grandes ideias, nenhum livro dos dois Testamentos, tratando de um tema histórico, deve ser comparado com Mateus. O mesmo autor, ainda, entende que Mateus não é um livro biográfico propriamente dito, embora contenha biografia. Não é um livro basicamente histórico, embora reflita o aspecto histórico. Mas é a proclamação das boas-novas: as boas notícias da salvação aguardada no judaísmo e que para os cristãos havia chegado em Jesus de Nazaré.⁴⁰

Exceto Cristo, ninguém escolheria um homem como Mateus para ser um dos seus maiores representantes. Isso só reforça o que o apóstolo Paulo escreveu aos Coríntios em sua primeira carta:

Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus (1Co 1.26-29).

Julgar pelas aparências é uma característica comum dos seres humanos. Entretanto, de acordo com a palavra de Deus ao profeta Samuel: “o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1Sm 16.7). Sendo assim, o critério de seleção para qualquer tipo de serviço é olhar como Jesus olharia, fazer como Jesus faria, isto é, replicar o seu comportamento, uma vez que os cristãos são discípulos de Cristo e precisam agir como ele agiria. Dessa forma o improvável, torna-se provável e o impossível torna-se possível.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira. **Bíblia Sagrada Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BASHAW, J. G. *Matthew the Apostle*. **Dicionário Bíblico Lexham**. Bellingham: Lexham, 2020.
- BRANNAN, R. **Léxico Lexham do Novo Testamento Grego**. Bellingham: Lexham, 2020.
- CARSON, D. A. **The Expositor’s Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke**. Vol. 8. Grand Rapids: Zondervan, 1984.
- CESAREIA, Eusebio de. **História Eclesiástica**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- DEIROS, Pablo A. **Mateus: o evangelho do reino**. São Paulo: Vida, 2021.
- GREEN, Michael. **The Message of Matthew: The Kingdom of Heaven**. Revised Edition. London: Inter-Varsity Press, 2000. Não paginado.
- HENDRIKSEN, W. **Mateus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. Vol. 1.
- LOPES, Hernandes Dias. **Mateus: Jesus, o Rei dos Reis**. São Paulo: Hagnos, 2019.
- LUCIUS, Fernando. **Manual da Peshitta**. Rio de Janeiro: BV Books, 2019.
- MACDONALD, W. **Comentário Bíblico Popular: Novo Testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

⁴⁰ LOPES, 2019, p. 16.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos Escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

MILLER, J. E. *Tax Collector*. **Dicionário Bíblico Lexham**. Bellingham: Lexham, 2020.

MORRIS, L. **The Gospel according to Matthew**. Grand Rapids / Leicester: Eerdmans / Inter-Varsity, 1992.

NEVES, I.; MCGEE, J. V. **Comentário Bíblico de Mateus: Através da Bíblia**. 2.ed. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012.

RIENECKER, F. **Comentário Esperança, Evangelho de Mateus**. Curitiba: Esperança, 1998.

STOTT, John R. W. **A mensagem do sermão do monte: Contracultura Cristã**. 3.ed. São Paulo: ABU, 2008.

WINSTEAD, M. B. **The Lexham Bible Dictionary**. Bellingham: Lexham, 2016.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento, Volume I**. Santo André: Geográfica, 2006.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*